

A MODERNIDADE/COLONIALIDADE NO IMAGINÁRIO NACIONAL SOBRE AMAZÔNIA EM UM CONTEXTO DE TERCEIRO MUNDO

Modernity/coloniality in the national imaginary

On Amazon in a third world context

Joicieli Pereira de Lima¹

Resumo

O presente artigo busca expor imaginários que foram sendo construídos sobre a Amazônia desde o período colonial e também durante o processo de desenvolvimento de um projeto nacional, tais como o Eldorado, vazio demográfico e pulmão do mundo, e como essas imagens, através da modernidade/colonialidade, ainda permeiam nosso imaginário e consequentemente nossas ações. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa está em compreender como essa lógica modernidade/colonialidade se faz presente no imaginário nacional sobre a Amazônia. Para tal entendimento, os estudos decoloniais servirão como base para nortear a pesquisa e compreender como a modernidade/colonialidade permeia a Amazônia, trazendo principalmente conceitos de Arturo Escobar, fundamentais na discussão e crítica acerca do desenvolvimento e de práticas de resistência baseadas no local. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, tem como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica e a aplicação de questionário eletrônico para coleta de dados. A partir dos resultados obtidos conclui-se que as lógicas de desenvolvimento contribuem para uma continuação dos processos de modernidade/colonialidade na Amazônia, impactando diretamente sua população, que é caracterizada no imaginário nacional como subdesenvolvida, atrasada, primitiva, além de outros estereótipos que carrega desde o período colonial e que se perpetuam até os dias atuais. Diante disso, acredito que esse artigo irá contribuir profundamente para entendermos as dinâmicas que estão postas na Amazônia e como isso afeta sua população a partir de um imaginário que se foi construindo sobre a região.

Palavras-chaves: Modernidade/colonialidade; Desenvolvimento; Amazônia.

Abstract

This article seeks to present imaginaries that have been built on the Amazon since the colonial period and also during the process of developing a national project, such as the Eldorado, demographic void and “lung of the planet”, and how these images, through the notion of modernity/ coloniality, still permeate our imagination and hence our actions. The research, then, aimed to understand how this logic of modernity/coloniality is present in the national imaginary about the Amazon. To that end, it is guided by decolonial studies seeking

¹ Graduada em Relações Internacionais pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

to understand how modernity/coloniality permeates the Amazon, drawing particularly on Arturo Escobar's concepts that are fundamental for the discussion and criticism about the development and practices of resistance based on the place. Based on a qualitative approach, this research, characterized as descriptive, draws on bibliographic review and on an online survey for data collection as its methodological procedures. Findings allow us to conclude that the logics of development contribute to continued processes of modernity/coloniality in the Amazon, thus directly impacting its population, which is characterized in the national imaginary as underdeveloped, backward, primitive, besides other stereotypes originated from the colonial period and perpetuated to the present day. In view of this, I believe that this article will greatly contribute to our understanding of the dynamics that are placed in the Amazon and how this affects its population through an imaginary that has been built on the region.

Keywords: Modernity/coloniality; Development; Amazon.

Resumen

Este artículo busca exponer los imaginarios que se han construido sobre la Amazonía desde la época colonial y también durante el proceso de elaboración de un proyecto nacional, como Eldorado, vacío demográfico y pulmón del mundo, y cómo estas imágenes a través de la modernidad/colonialidad aún permean nuestra imaginación y consecuentemente nuestras acciones. Por lo tanto, el objetivo general de la investigación es comprender cómo esta lógica de modernidad/colonialidad está presente en el imaginario nacional sobre la Amazonía. Para esta comprensión, los estudios decoloniales servirán de base para orientar la investigación y comprender cómo la modernidad/colonialidad permea la Amazonía, trayendo principalmente conceptos de Arturo Escobar, que se hacen fundamentales en la discusión y crítica sobre el desarrollo y las prácticas de resistencia basada en el lugar. Esta investigación tiene enfoque cualitativo, naturaleza descriptiva y utiliza como procedimientos metodológicos la revisión bibliográfica y la recolección de datos por medio de cuestionario electrónico. De los resultados obtenidos se concluye que las lógicas de desarrollo contribuyen a una continuación de los procesos de modernidad/colonialidad en la Amazonía, impactando directamente en su población, que es caracterizada en el imaginario nacional como subdesarrollada, atrasada, primitiva y demás estereotipos que lleva desde la época colonial y que se perpetúan hasta nuestros días. Ante ello, creo que este artículo contribuirá profundamente a nuestra comprensión de las dinámicas que se ubican en la Amazonía y cómo ésta afecta a su población a partir de un imaginario que se ha construido sobre la región.

Palabras clave: Modernidad/colonialidad; Desarrollo; Amazonas.

Introdução

Dada a crise ambiental, que passa a ser debate constante a partir da década de 1970, a Amazônia se torna peça importante e de interesse mundial, haja vista que sua gama de recursos naturais é de importância estratégica para os países que a possuem, sendo alvo de disputa ora voltada

à exploração, ora à preservação. Além disso, a conjuntura atual das relações globais, principalmente na América Latina, em particular na Amazônia, o quadro de violação de direitos dos povos e comunidades tradicionais, somados ao desmatamento e intensos focos de queimadas e ao avanço da expropriação de terras e latifúndio são práticas que surgem a partir de um processo histórico de modernização e do capitalismo.

O contexto em que a Amazônia está localizada no âmbito internacional insere-se em uma agenda internacionalizada e no âmbito de relações assimétricas de poder, com os países que a abarcam estando situados em um contexto periférico dentro das relações internacionais e do debate sobre desenvolvimento. Diante disso, o presente trabalho busca responder: **de que forma a lógica da modernidade/colonialidade ainda está presente no imaginário nacional sobre Amazônia em um contexto periférico de Terceiro Mundo?**

Procurou-se, com esta pesquisa, abrir novos questionamentos e reflexões acerca do que se entende por Amazônia e sua população, trazendo debates e contribuições para a comunidade científica assim como para a sociedade. O presente estudo pretende analisar como a lógica modernidade/colonialidade se faz presente no imaginário nacional sobre Amazônia à luz dos estudos decoloniais. Desse modo, este trabalho pode ser classificado como descritivo, pois tem como objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno, tendo como particularidade o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados. A abordagem aplicada foi a de documentação indireta, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, sendo este o primeiro passo de qualquer pesquisa científica.

Quanto ao procedimento metodológico, o estudo utilizou-se de pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa, tendo em vista que essas ferramentas permitem uma análise mais subjetiva. Além disso, utilizou-se um questionário para coleta de dados, com perguntas classificadas como abertas, também chamadas de livres para opiniões, perguntas fechadas com alternativas fixas, e perguntas de múltipla escolha.

Na primeira seção deste artigo serão abordados os aspectos epistemológicos acerca dos estudos decoloniais, que configuram o aporte teórico utilizado para esta pesquisa, apresentando a lógica ligada ao desenvolvimento para o que antes se chamava colonizador x colonizado, sendo que hoje o debate gira em torno de desenvolvidos x subdesenvolvidos.

Na segunda parte deste artigo será apresentada a literatura sobre os diversos olhares sobre a Amazônia que se formaram com a colonização a partir do olhar do outro – imagens como patrimônio da humanidade precisando ser salvo pelo outro, região de vazio demográfico pronta para ser ocupada – imagens estas que permanecem ainda presentes hoje.

Na terceira parte descreve-se os dados obtidos a partir do questionário lançado, pelo qual foram coletadas informações a respeito da opinião das pessoas sobre a Amazônia, na tentativa de compreender como as dinâmicas sobre esse imaginário estão postas.

Na última seção faz-se uma análise, a partir do tratamento e exposição dos dados, dialogando com a retomada de conceitos e discussões teóricas, buscando entender até que ponto a colonialidade ainda permeia o nosso imaginário.

Estudos decoloniais

Para chegarmos ao estudo decolonial, é necessário fazermos uma breve sistematização do termo pós-colonial, que surgiu a partir dos anos 1970 carregando dois debates para entendimento. O primeiro argumenta que o “pós” remeteria a um período após o fim da colonização em termos institucionalizados, logo, o fim da opressão e exploração. O segundo afirma a continuação de um projeto colonial e de um discurso com novas conotações. Escritores anticoloniais serviram como base para o surgimento da crítica pós-colonial como Frantz Fanon, Albert Memmie, Aimé Césaire.

Na década de 1970, outro grupo surge reforçando o pós-colonialismo, o Grupo sul-asiático de estudos subalternos, formado pelos autores Partha Chatterjee, Dipesh Chakrabarty e Gayatri Chakrabarty Spivak. Inspirado nesse grupo, como coloca Ballestrin (2013), surge o Grupo latino-americano dos estudos subalternos, dando origem ao grupo Modernidade/Colonialidade

(MC) que precisava ter como lócus a América Latina, pois, como coloca Escobar (2005, p. 71), a América é o “início do conceito europeu de modernidade” e o “princípio do ocidentalismo como imaginário central do sistema mundo moderno/colonial”. Sendo assim, é importante buscar-se uma crítica a partir desse lócus dada a sua fundamentação na modernidade, crítica esta chamada também de “giro decolonial”.

A modernidade é uma narrativa ocidental que tem origem na Europa com suas “conquistas”, a qual impõe uma visão universal da história, baseada na ideia de progresso e de superioridade de conhecimento, mas que esconde o seu outro lado, o da colonialidade. Este conceito, introduzido por Quijano em 1990, está vinculado à dominação colonial e, como expõe o autor (2002, p. 1), “constitui a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva” – é um projeto que perpetua uma única visão de mundo e, por isso, nas palavras de Mignolo (2017, p. 2), “não há modernidade sem colonialidade”.

A colonialidade é um projeto que cria uma hierarquia, seja ela de classe, raça ou gênero, através da negação do outro. Isso porque o modelo de conhecimento ocidentalizado, respaldado por uma cientificidade, é dito como um conhecimento que deve ser universalizado e expandido para os “subdesenvolvidos”, tidos como “atrasados”. Isso estará intrinsecamente ligado à desumanização e invisibilidade de certos grupos, como os povos tradicionais da Amazônia, que serão taxados como marginalizados e atrasados, carentes de progresso, e que, para isso, têm que se adequar ao atual padrão de poder mundial.

A produção de conhecimento se torna instrumento de dominação que perpetua uma única visão de mundo, o que Quijano (2000, p. 126) chama de colonialidade do poder e expõe que o processo intelectual de modernidade produziu um modo de conhecimento que mostra “o padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado”.

Como busca de alternativa a essa universalidade de conhecimento que submete as outras culturas àquela pretensamente universal, Escobar coloca como direção a resistência a partir do local e a desconstrução do desenvolvimento. Com relação a essa resistência, ele observa que existe uma

ausência de lugar que significa um desenraizamento da região e, conseqüentemente, da identidade. Isso se dá pela globalização e seu discurso de estar em todo lugar, ocupando o capital, a história e o próprio espaço, enfraquecendo a ideia do local. Nessa lógica, Escobar menciona que

[l]os discursos de la globalización crean, por lo general, el sentido de que lo global prevalece sobre lo local. Esta asimetría ha conducido a algunos académicos y activistas a formular una defensa del lugar como proyecto intelectual y político, [...] es importante aprender a ver las prácticas culturales, ecológicas y económicas basadas en lugar como fuentes importantes de visiones y estrategias posibles para la reconstrucción de mundos locales y regionales² (ESCOBAR, 2005, p. 140).

Esse discurso de globalização, dentro dessa lógica de poder internacional, recai na Amazônia com a ideia de que ela precisa ser explorada, do contrário o outro a vai explorar – um discurso que intensifica a luta por território e controle desse, gerando violência, a qual, ao mesmo tempo, acarreta uma resistência por parte daqueles que defendem seu território buscando estratégias de defesa do lugar e da cultura. Nesse sentido, entende-se que o conhecimento local não é livre de dominação e isso é importante porque vai nos ajudar a compreender até que ponto o global e essas dinâmicas influenciam o imaginário nacional do que se entende por Amazônia.

A lógica de desenvolvimento

A partir da colonização, o sistema moderno europeu se colocou como parâmetro para o pensamento ocidental, ainda muito basilar das ideias evolucionistas do século XIX, que colocavam as sociedades em comparação, estabelecendo que algumas eram mais civilizadas que outras, com a ideia de uma linearidade e progresso – noções que se encontram ainda fixas no nosso imaginário.

Um dos pontos de partida para a continuação desse pensamento nos dias de hoje, mas com uma nova roupagem, é chamado de “desenvolvimento” e está no discurso de posse do presidente dos Estados

² Os discursos da globalização geralmente criam a sensação de que o global prevalece sobre o local. Essa assimetria levou alguns acadêmicos e ativistas a formularem uma defesa do lugar como um projeto intelectual e político, [...] é importante aprender a ver práticas culturais, ecológicas e econômicas baseadas no lugar como fontes importantes de visões e possíveis estratégias para a reconstrução de mundos locais e regionais.

Unidos, Harry Truman, em 20 de janeiro de 1949, quando ele trouxe a ideia de incorporar as ex-colônias ao sistema internacional a partir do crescimento econômico e distinguiu entre os “subdesenvolvidos” e os “desenvolvidos”, atribuindo a esses últimos o papel de fornecer a ajuda necessária aos primeiros.

Truman cria, então, a partir disso, uma hierarquia internacional que traz consigo uma “fórmula” a se chegar ao desenvolvimento. Para isso, era necessário que os países subdesenvolvidos saíssem da pobreza e do atraso, o que só conseguiriam tendo conhecimento tecnológico, seguindo o modelo ocidental. As relações que antes se davam entre colonizador e colonizado, tomam um novo rosto, desenvolvido e subdesenvolvido, sendo a luta não mais por independência, mas sim por desenvolvimento.

Essa nomenclatura de colonizador e colonizado carregava consigo uma noção de oposição, de mundos diferentes e também de atrito. O termo subdesenvolvido, por outro lado, suaviza, retira a concepção de conflito e coloca no lugar uma esperança de se chegar a um ideal. Isso possibilita “esquecer”, assim, toda a desigualdade formada por uma estrutura de dominação, passando agora a uma ideologia de meritocracia em que, se as nações subdesenvolvidas trabalharem e seguirem o modelo ocidental, conseguirão chegar ao nível do desenvolvido.

Nesse contexto, duas ferramentas tornaram-se fundamentais para esse processo de desenvolvimento, a tecnologia e a ciência. De acordo com Lander (2000, p. 12), a ideia de modernidade tem como noção quatro dimensões: uma “visão universalista da história associada ao progresso”, a “naturalização das relações sociais como da natureza humana da sociedade liberal-capitalista”, “naturalização das múltiplas separações dessa sociedade” e a “superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (ciência) em relação a todos os outros conhecimentos.”

Essas dimensões nos ajudam a compreender, no contexto amazônico, como os saberes das populações tradicionais se tornam irrelevantes frente aos chamados projetos de desenvolvimento, chegando-se a afirmar, muitas vezes, que esse conhecimento tradicional se torna um impedimento ao progresso. Posto que a Amazônia sempre foi vista como última fronteira, o

que significa dizer que o pensamento que se tem é de um lugar vazio e sempre disponível para a utilização de seus recursos, tanto por grandes empresas estrangeiras ou nacionais, como para processos de acumulação e expansão do capitalismo mundial, e que isso é o progresso, tendo essas populações que se adequar a essa concepção. A partir desse marco histórico, o conceito de desenvolvimento começou a tornar-se sinônimo de modernidade, industrialização e crescimento econômico, baseado em uma ideia de progresso.

Escobar coloca ainda que:

En la historia occidental moderna las áreas no europeas han sido organizadas y transformadas sistemáticamente de acuerdo con los esquemas europeos. Las representaciones de Asia, África y América Latina como “Tercer Mundo” y “subdesarrolladas” son las herederas de una ilustre genealogía de concepciones occidentales acerca de otras partes del mundo (ESCOBAR, 1999, p. 15)³.

A ciência, vista como neutra e universalmente desejada, transfere-se a uma experiência civilizatória do Terceiro Mundo, modificando-o assim por um processo de desenvolvimento modelado e planejado para satisfazer a essa modernidade. Nesse sentido, modernidade e colonialidade estão intrinsecamente ligadas, ou seja, não existe modernidade sem colonialidade, sendo a colonialidade o lado obscuro da modernidade.

O desenvolvimento é um discurso de poder que foi pensado e construído tanto política quanto ideologicamente para legitimar uma relação de subordinação. É mais do mesmo pensamento colonial, buscando uma nova roupagem, em que se legitima através do outro (CASTRO, 2018).

O Brasil, nessa lógica, vai estar inserido em um contexto periférico, porque a América Latina já aparece no mundo a partir dessa expansão de uma civilização ocidental que obriga o outro a se adequar a esse padrão e negar sua vivência e o seu modo de vida. Assim, a base desse debate se configura em mostrar que a colonização não está mais institucionalizada como na era colonial, mas sim na produção e reprodução de conhecimento.

³ Na história ocidental moderna, as áreas não europeias foram organizadas e transformadas sistematicamente de acordo com os esquemas europeus. As representações da Ásia, África e América Latina como “Terceiro Mundo” e “subdesenvolvidas” são as herdeiras de uma ilustre genealogia de concepções ocidentais sobre outras partes do mundo.

Os olhares sobre a Amazônia e seus significados

A Amazônia, como é sabido, desde o período colonial é tida como uma terra rica, mas também de difícil acesso; por isso sempre foi alvo de mitos, como Eldorado Amazônico ou Inferno Verde. Segundo Souza (2019), a Amazônia não foi descoberta e nem construída, mas sim concebida como uma invenção a partir da Índia, com sua história sendo contada por missionários, viajantes e comerciantes. É a partir disso que prevalecem na região visões externas “sobre a Amazônia e não visões da Amazônia” como afirma Porto-Gonçalves (2018, p. 25).

De acordo com o IBGE (2021), a Amazônia é compreendida pela bacia do rio Amazonas, formada por 25.000 km de rios. A região dentro do Brasil é chamada de Amazônia Legal, delimitada no Art. 2º da Lei complementar n. 124, sendo composta por oito estados brasileiros e grande parte do Maranhão, totalizando cerca de 61% do território brasileiro.

A Amazônia também é pertencente a outros países que, exceto pelo Equador, fazem fronteira com o Brasil, conformando a chamada Pan-Amazônia, reconhecida internacionalmente. Por ter posição estratégica, a Pan-Amazônia sempre se tornou alvo de interesses e debates por seus recursos naturais, sendo marcada por forte presença de atores internacionais. Não à toa, os Estados que a compõem assinaram um tratado, chamado de Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) para a busca do desenvolvimento da região com base em uma cooperação regional.

A Amazônia é reconhecida mundialmente por suas paisagens, pelo que é exótico e diferente, como a região que mantém uma diversidade de recursos quase inesgotável, e uma natureza intocada, devendo assim ser preservada. Entretanto, esquece-se que, nesse processo, para além de uma floresta, existem diversos povos, cada um com uma identidade única – povos esses que são tidos como isolados no tempo e no espaço, como se a modernidade e as influências globais não os atingissem, estáticos no tempo.

Nessa perspectiva, a Amazônia é vista apenas como natureza, sendo dominada pelo homem, mas não qualquer homem, e sim o homem branco, ocidental que, como afirma Porto-Gonçalves (2018, p. 27), está “autorizado a

dominar a natureza”. É diante do olhar do homem moderno que existe a dualidade entre natureza e cultura, sendo a natureza considerada algo que deve ser dominado por uma cultura ocidental, legitimando a lógica do discurso de que o outro precisa ser salvo e desenvolvido.

É imprescindível, portanto, considerar que a população amazônica está inserida em um contexto de mudança, sujeita às mesmas dinâmicas contemporâneas em que o global influencia o local e vice-versa, como qualquer outra população. É importante reconhecer isso, porque é a partir desse ponto que começamos a dar visibilidade e participação para a construção da sua própria história.

Essa imagem da Amazônia como natureza intocada aparece com fervor a partir da década de 1980, com o ambientalismo. Nesse momento, a região ganha palco internacional com conflitos e resistências através de lideranças sociais como Chico Mendes e organizações não governamentais, quando se levantou um debate sobre a ingerência externa. Países propuseram internacionalizar a Amazônia, tirando a responsabilidade do Brasil sobre o que eles chamam de “pulmão do mundo”, logo, era interesse mundial. Nesse momento, a cobiça internacional pela Amazônia aparece com nova conotação. Atualmente, vemos esse mesmo discurso voltar à tona – a Amazônia virou notícia internacional por atingir um alto nível de desmatamento com numerosos focos de queimadas.

O governo brasileiro lançou uma série de ataques a órgãos de fiscalização ambiental, recusou recursos para combater o desmatamento e foi negligente frente aos problemas. Assim, quando algo relacionado à Amazônia surge, sempre se questiona sua soberania. A visão da Amazônia como reserva ecológica e a deterioração desses recursos como um problema ecológico global é algo que se inicia no Primeiro Mundo e que aparece entre os ambientalistas sem qualquer preocupação com questões sociais, interessando apenas a sua biodiversidade. Diante disso, Porto-Gonçalves nos diz que:

[a] partir dessa visão começa-se a destacar a relação da Amazônia para o equilíbrio do planeta, descontextualizando a região dos seus respectivos estados nacionais. É como se procedêssemos a uma

expropriação simbólica da região, tratando-a desconectada dos processos nacionais. Desse modo, essa visão de ecologia restrita deixa de captar os complexos processos socioeconômicos e políticos que estão subjacentes ao processo de devastação e que foram postos em ação a partir de determinações sociopolíticas tomadas fora da região, a partir dos centros politicamente hegemônicos no interior dos próprios países que exercem soberania sobre a Amazônia, interesses que sobrepõem aos que vivem na própria região, que sempre instrumentalizam a Amazônia para afirmar interesses próprios, integrando-se aos dos centros hegemônicos no plano internacional (PORTO-GONÇALVES, 2001, p. 61).

A partir disso, criou-se uma visão na comunidade internacional de que a Amazônia deve ser um patrimônio da humanidade, a qual esconde por trás dessa boa vontade interesses econômicos na região. Isso requer dos governos maior responsabilidade sobre a Amazônia para evitar questionamentos sobre sua soberania.

Outra percepção que se tem da Amazônia é a de que ela deve ser explorada, existindo a imagem de que ela é uma região de um vazio demográfico. Becker (1998, p. 10) afirma que essa imagem “nega a existência das populações indígenas e caboclas e das sociedades locais”. A Amazônia vista como vazia legitima discursos de que ela é uma terra que está pronta para ser ocupada e apropriada. Segundo Aragon,

[a] Amazônia não é um vazio demográfico, como se pensa, [...] pelo contrário, na região se processa uma intensa dinâmica demográfica onde se vivem as piores condições de vida em relação aos respectivos países, fruto da exploração da região como simples fornecedora de matérias primas, do pouco atendimento às necessidades da população na região, e da percepção da região como válvula de escape aos problemas nacionais. A dinâmica demográfica da Amazônia se processa no âmbito de um mundo desigual onde a brecha que separa os países mal desenvolvidos e as regiões menos desenvolvidas do mundo se aprofunda com o tempo (ARAGON, 2013, p. 104).

Essa visão do vazio, como ele expõe, está relacionada com o processo de abandono da região e com a invisibilidade dos povos que nela vivem, assim como à falta de respeito aos direitos fundamentais básicos. Não à toa, o Índice de Progresso Social - IPS (Santos et al., 2021) na Amazônia é de 54,59, inferior à média nacional de 63,29. Isso denota que, ao mesmo tempo que a região se torna palco de debates importantes no mundo, ela continua sendo uma região periférica, tratada como reserva natural dentro do seu país.

Com isso, observa-se um outro aspecto que surge na Amazônia, um olhar de uma região que é vista como atrasada, que traz automaticamente nos discursos a necessidade de uma modernização e de um desenvolvimento. Mas, como coloca Porto-Gonçalves (2001, p. 65), “ao contrário do que normalmente se afirma a respeito do atraso da região amazônica, sustentamos que a região é, na verdade, resultado das vicissitudes históricas do processo de modernização que se deu ao longo de sua formação geográfica”.

Diante disso, podemos afirmar que a Amazônia, por seu processo histórico, é tida como um produto direto dessa modernidade, sendo hoje vista apenas como fonte de recursos, que ora precisa ser reservada para o futuro, ora com projetos de desenvolvimento para a extração de minérios, criação de barragens, hidrelétricas etc.

A Amazônia no imaginário nacional

Neste tópico procuro expor alguns dados que foram coletados a respeito da opinião das pessoas sobre a Amazônia. O instrumento utilizado para coleta de dados foi *Google Forms*, no qual foi disponibilizado um questionário eletrônico a ser respondido, sendo obtidas 128 respostas. No total foram feitas 26 perguntas, elaboradas partindo das mais fáceis às mais complexas. As perguntas procuraram verificar se existem continuidades ou rupturas com a colonialidade no imaginário sobre o que se entende por Amazônia. Para isso foi utilizado o código da consoante P, que se refere às pessoas que responderam e sua determinada numeração. O questionário foi aplicado durante uma semana via internet pelas mídias sociais.

De acordo com a noção de respostas de pessoas por região do Brasil, do Sul e Sudeste foram obtidas vinte e duas, sendo que a maior referência sobre a Amazônia foi ter estudado na escola ou lido algo sobre. A maioria conhece a Amazônia por ser uma região rica em biodiversidade, ou por ter aparecido em contextos de queimadas e desmatamento. Grande parte concorda que a região tenha um papel importante no mundo, muitas vezes chamada de pulmão do mundo ou patrimônio da humanidade, e que a Amazônia é um território grande ocupado por poucas pessoas. Além disso,

acreditam que a Amazônia é subdesenvolvida e colocaram a tecnologia como um dos parâmetros para o desenvolvimento. Dessa região, oito pessoas acreditam que a produção de conhecimento na Amazônia seja inferior aos demais.

Da região Nordeste foram obtidas apenas duas respostas. No geral, conhecem a Amazônia por sua floresta e pelos contextos de desmatamento; consideram a região importante, tida como pulmão do mundo. Uma pessoa acredita que a região é subdesenvolvida e uma pessoa acredita que a produção de conhecimento da região seja inferior aos demais.

As pessoas da região Norte conhecem a Amazônia por morarem nela, além dos contextos de escola, notícias sobre desmatamentos e pela biodiversidade. Em sua maioria, acreditam que a Amazônia seja importante para o mundo; 55 pessoas acreditam que seja subdesenvolvida, 59 pessoas colocaram como um dos parâmetros para o desenvolvimento a tecnologia e 48 pessoas não acham que o conhecimento produzido na região seja inferior aos demais.

Quanto à ideia de a Amazônia ter um papel importante no mundo, 99,2% responderam que sim; uma pessoa respondeu que em parte sim, e outras não; 96,9% acham que ela deve ser preservada, e 50,8% acham que ela não deve ser explorada. Além disso, houve uma pergunta para saber se acreditavam que a Amazônia era um território grande para poucas pessoas, e a maioria acredita que sim.

Um dos quesitos no formulário perguntava se a pessoa acreditava que a população da Amazônia era subdesenvolvida e o que entendia por desenvolvimento; 52,3% disseram que sim, que a Amazônia é subdesenvolvida e que precisa de desenvolvimento, sendo que o conceito de desenvolvimento na maioria das respostas é entendido como a ideia de progresso e evolução baseada no modelo ocidental. Entretanto, alguns colocaram desenvolvimento como uma melhoria na qualidade de vida das pessoas ligadas ao tripé da sustentabilidade. Exponho aqui algumas respostas:

P1: Progresso.

P6: Modo de viver tecnológico.

P28: Exploração sustentável

P34: Algo como evolução, que não dá pra trás perante outras coisas. Que está à frente ou caminha junto com o país.

Quanto à questão da produção de conhecimento na Amazônia ser inferior à produção científica de outros lugares, com 49,2%, a maioria acredita que não é. Porém, quando perguntado especificamente para amazônidas se já se sentiram inferior ou se duvidaram das suas capacidades intelectuais apenas por ser da região, a maioria disse que sim.

A modernidade/colonialidade na Amazônia

A Amazônia vista como uma região subdesenvolvida e que engloba uma população atrasada é produto da tecnologia e da ciência como instrumentos essenciais a se chegar ao desenvolvimento. Como Lander (2000, p. 12) afirma, existe uma ideia de “superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (ciência) em relação a todos os outros conhecimentos”. Desse ponto de vista, é possível afirmar que a ideia de que a produção de conhecimento da Amazônia seja inferior está imbuída de um processo colonial que vê os ditos subdesenvolvidos como atrasados e primitivos quando, na verdade, conhecimentos que são produzidos na Amazônia e por amazônidas são essenciais para termos uma compreensão a respeito da região e outras visões de mundo para além da ocidental. Como Porto-Gonçalves diz, “[p]or ser a Amazônia uma região situada numa posição periférica no interior de países periféricos no sistema mundo capitalista moderno-colonial, lhe escapa até mesmo o poder de falar sobre si mesma” (PORTO-GONÇALVES, 2018, p. 25).

E isso fica claro nas respostas abaixo. Quando perguntado no questionário se as pessoas já se sentiram inferiores ou tiveram sua capacidade posta em dúvida por ser amazônida, muitos relatos sobre experiências foram contados e acho conveniente expor aqui alguns para termos uma noção de fato.

P70: Em um congresso que estive, algumas pessoas se mostravam surpresas por eu ser fonoaudióloga e indígena, mesmo tendo nascido em uma metrópole. Mas o preconceito acabava no mesmo instante que as pessoas quebram a ideia de que o indígena não deixa de ser indígena quando nasce em uma capital e longe da floresta. Assim como o negro não deixa de ser negro mesmo nascendo longe da África.

É importante conhecermos nossa história e nossas origens que tanto nos foram usurpadas nos livros de história. Sou descendente dos tupinambás e grotires, bilingue, fonoaudióloga e neurocientista.

P67: Já viajei a trabalho para outros estados. Além de acharem que eu fosse índio, gostaram do meu trabalho, mas não como lado positivo, e sim pensavam que eu fosse escravo, e que eu por ser da região Norte, eu deveria trabalhar igual a um.

P123: Sou ecóloga e viajo muito para outros estados, e isso acontece com muita frequência, a maioria é em forma de comentários sarcásticos ou piadas mas tbm já fui excluída de expedições de campo por ser daqui. As histórias são muitas.

Além desses, existem vários outros relatos que mostram o quanto o amazônida tem sua capacidade sempre exposta à dúvida e é inferiorizado apenas por ser amazônida. Isso mostra o quanto traços coloniais se perpetuam até hoje nas mentes e atitudes das pessoas. Escobar aponta o desenvolvimento como criação de domínio de um pensamento e uma ação, que pode ser definido como

formas de conocimiento que a él se refieren (a través de las cuales llega a existir y es elaborado en objetos, conceptos y teorías), el sistema de poder que regula su práctica y las formas de subjetividad fomentadas por este discurso (aquellas por cuyo intermedio las personas llegan a reconocerse a sí mismas como “desarrolladas” o “subdesarrolladas”). El conjunto de formas que se hallan a lo largo de estos ejes constituye el desarrollo como formación discursiva, dando origen a un aparato eficiente que relaciona sistemáticamente la forma de conocimiento con las técnicas de poder (ESCOBAR, 1999, p. 17)⁴.

Isso significa dizer que o discurso de desenvolvimento produz na Amazônia formas subjetivas de pensar pelas quais, quando se pensa na região e na população, essas são reconhecidas automaticamente como subdesenvolvidas e por outros estereótipos existentes e são tratadas como inferiores e atrasadas. Fica claro nas respostas colocadas acima, que o amazônida carrega em si os pensamentos coloniais ainda existentes hoje na mente das pessoas, tratados como de uma cultura inferior, com o seu saber sendo sempre posto em dúvida por estar numa região que é tida como periférica dentro do próprio Estado.

⁴ Formas de conhecimento que se referem a ele (por meio da qual ele surge e é elaborado em objetos, conceitos e teorias), o sistema de poder que regula sua prática e as formas de subjetividade promovidas por esse discurso (aquelas por cujo intermédio as pessoas passam a se reconhecer como “desenvolvidas” ou “subdesenvolvidas”). O conjunto de formas ao longo desses eixos constitui o desenvolvimento como formação discursiva, dando origem a um aparato eficiente que relaciona sistematicamente as formas de conhecimento com as técnicas de poder

Escobar nos diz ainda que *“el sistema de relaciones establece una práctica discursiva que determina las reglas del juego: quién puede hablar, desde qué puntos de vista, con qué autoridad y según qué calificaciones, análisis y eventual transformación de cualquier problema, teoría u objeto en un plan o política”* (ESCOBAR, 2007, p. 80).

É possível observar que o discurso de desenvolvimento criou relações que determinam quem está legitimado e qualificado a pensar e dizer, sendo estabelecidas por instituições, processos econômicos e tecnológicos ocidentalizados. Logo, conhecimentos que estão no Terceiro Mundo, mais especificamente, na Amazônia, tornam-se irrelevantes, muitas vezes tidos como barreira para o chamado progresso.

Os amazônidas não querem ser tratados de maneira vitimizada, em que se olha com um olhar de pena seguido de uma suposta “salvação” – apenas querem respeito e poder contar a sua própria história sem serem invisibilizados e/ou inferiorizados. Defender essa cultura é ir de encontro com uma imposição ocidental hegemônica, é pensar no que Escobar chama de pós-desenvolvimento, ou seja, vivências que mantêm uma coexistência com a globalização e o capitalismo, porque não é possível viver separado do mundo, mas ao mesmo tempo são maneiras anticapitalistas de se viver.

Para Escobar (2008, p. 162), os processos de globalização e de desenvolvimento procuram mostrar que “não há espaço fora da modernidade” em que o que é tradicional é visto como uma modernidade incompleta. A produção de conhecimentos ocidental vem imbuída de colonialidade, com abordagens lineares que não conseguem ver o outro, e mais, recusam-se a aprender com o outro.

Agathangelou e Turcotte (2010) são precisas quando afirmam que as divisões entre Norte e Sul global, ou desenvolvido e subdesenvolvido, já são dadas como naturais e que nós as reproduzimos no nosso cotidiano, porque essas segregações e divisões já estão no campo do imaginário, na fronteira da nossa mente, fazendo com que nossa percepção da realidade seja tendenciosa. Isso explica o fato de os amazônidas ainda serem taxados como atrasados, primitivos, além de outros estereótipos e marcadores que vêm, desde o período colonial, perpetuando-se até hoje na modernidade.

Outro fator importante envolve o questionamento sobre o que as pessoas pensam sobre a região. Um dado interessante é o quanto as pessoas acham fundamental a sua floresta, a preservação, e suas riquezas. Além de grande parte das respostas considerar a Amazônia importante para o mundo, sendo por alguns chamada de pulmão do mundo e considerada como patrimônio da humanidade. Coloco abaixo algumas respostas:

P46: bastante mato

P77: Uma região com recursos naturais em abundância e propensa a um bom desenvolvimento econômico

P74: Entendo que a Amazônia é um patrimônio da humanidade, infelizmente nem sempre valorizado como deveria e muitas vezes objeto de interesses mais econômicos do que sociais.

Esses argumentos nos mostram o quanto aquela ideia dos anos 1980, com a preocupação internacional e os argumentos utilizados para tal ainda ecoam no nosso imaginário de Amazônia. Frases como “pulmão do mundo” e “patrimônio da humanidade” carregam em si mais um dos olhares que se tem sobre a região e o que ela significa. Não estou querendo dizer que a Amazônia não é uma região importante e necessária para se manter um equilíbrio natural, mas sim atento ao fato de que esses discursos foram construídos para legitimar uma ingerência internacional na região e do quanto eles estão inseridos no nosso imaginário – e mais: os reproduzimos sem perceber de fato o que está em jogo, nesse caso, a própria soberania do país e a vida das pessoas nessa região.

Quanto ao argumento de que na Amazônia só tem mato, explicita-se, mais uma vez, a ideia de uma região que é vazia, desconsiderando-se inclusive todos os núcleos urbanos ali existentes, além de negar a existência dos povos. Sobre o questionamento sobre os povos da Amazônia serem subdesenvolvidos e o fato de a maioria responder que sim, Escobar (2007) nos diz que a construção de pobreza, analfabetismo e fome como sinônimos de subdesenvolvimento é efeito do discurso de desenvolvimento que, através da homogeneização discursiva, exerce um poder sobre o chamado Terceiro Mundo, encaixando todos na mesma nomenclatura. Exponho aqui uma resposta quanto ao questionamento de subdesenvolvimento da Amazônia que acho interessante para a discussão.

P48: Em parâmetros ocidentais de desenvolvimento, a resposta é sim, mas considerando que desenvolvimento deve ser projetado por padrões internos da própria população pensando em qualidade de vida, muitos dos padrões internacionais não fariam sentido, ainda mais na Amazônia, uma população tão diversa.

A criação do discurso sobre desenvolvimento acaba por invisibilizar uma diversidade de povos que existem na Amazônia e que, por não se encaixarem nesse modelo, são taxados como subdesenvolvidos. Pois, se levarmos em consideração que desenvolvimento nos moldes ocidentais está relacionado ao acúmulo de riqueza, o discurso não se encaixa na Amazônia, haja vista que muitas populações procuram viver do autossustento da natureza.

Não podemos esquecer que o termo subdesenvolvido é utilizado por Truman em 1929 no seu discurso para substituir o que antes era chamado de colonizado, para a suavização de conflitos pós-independência, trazendo no bojo do desenvolvimento a modernidade, que Dussel (2000) chama de mito, pois, com esse discurso, afirma-se que a civilização moderna ocidental é superior. Isso recai na discussão de como essa ideia de desenvolvimento foi internalizada em nossa mente, através do conhecimento, e na crítica de que a ciência acaba por não ser neutra. O desenvolvimento, na verdade, não passa de uma invenção e, junto dele, o Terceiro Mundo – sendo estruturada e materializada em instituições. Escobar é assertivo quando afirma que

[l]a materialidad de estas condiciones no ha sido iluminada por un cuerpo “objetivo” de conocimiento, sino más bien estructurada mediante los discursos racionales de los economistas, los políticos y los expertos en desarrollo de todo tipo. Lo que se ha logrado es una configuración específica de factores y fuerzas en la cual el nuevo lenguaje del desarrollo encuentra apoyo (ESCOBAR, 2007, p. 99)⁵.

O discurso ocidental respaldado na cientificidade invisibiliza populações e universaliza a lógica do desenvolvimento, colocando aqueles que não seguem o padrão ocidental de desenvolvimento como sujeitos marginalizados e atrasados. É interessante como esse discurso é

⁵ A materialidade dessas condições não foi iluminada por um corpo de conhecimento “objetivo”, mas estruturada por meio dos discursos racionais dos economistas, políticos e especialistas em desenvolvimento de todos os tipos. O que foi alcançado é uma configuração específica de fatores e forças, na qual a nova linguagem de desenvolvimento encontra suporte.

reproduzido pelas pessoas sem entenderem a especificidade que permeia a Amazônia.

Escobar (2005, p. 38) expõe que, “*no pensamento mais além do Terceiro Mundo está em jogo a habilidade de imaginar tanto ‘outros mundos’ como ‘mundos de outro modo’*”. Nesse sentido, os povos tradicionais e seus conhecimentos são essenciais para a construção de mundos diferentes, mundos estes em que seja possível construir políticas fora de um modelo baseado no capitalismo e na modernidade. Logo, torna-se imprescindível pensar que esses povos da Amazônia têm no seu saber como acrescentar o saber científico sobre as suas próprias concepções de desenvolvimento, de educação e de tantos outros parâmetros que nos são colocados e, principalmente, aprender com esses povos como viver em harmonia com a natureza e usufruí-la de maneira correta.

Afinal, como expõe Escobar (2000), o conhecimento local é um modo de consciência baseado no lugar e que oferece elementos para pensar além do desenvolvimento, com novos níveis de compreensão. Nessa acepção, pensar em como o conhecimento local pode influenciar o global, nas suas relações sociais, políticas e econômicas. Escobar (1995) nos diz ainda que existem outras formas de viver, principalmente na Amazônia, que estão em consonância com a natureza, com seus modos de vida baseados no autossustento. São essas formas de viver fundamentadas no lugar que desnaturalizam o modo de economia ocidental que tem seu alicerce no mercado, na produção e no trabalho, que raramente são questionados. Para tal, Escobar (2007 p. 13) afirma que a noção de pós-desenvolvimento se torna “*um recurso para reaprender a ver a realidade em comunidades da Ásia, África e América Latina*”, pois esse conceito traz com ele “*a possibilidade de diminuir o domínio das representações de desenvolvimento quando se contemplam determinadas situações na Ásia, África e América Latina*”.

O pós-desenvolvimento é uma tentativa para mostrar conhecimentos distintos, um espaço para outros pensamentos e outras linguagens, é uma alternativa para se pensar em novos códigos que vão de encontro à imposição de culturas ocidentais ditas como universais. Escobar (2005)

também nos mostra o conceito de “glocalidades”, significando que o mundo não é só global, mas é também local, e que essas localidades são essenciais para pensarmos os tipos de globalidade que queremos criar. Defender as lógicas de viver baseadas no lugar; que coexistem com a globalização e que tenham sistemas de pensamento, cultura e economia diferentes dos processos de que estamos imbuídos. A visibilidade e os saberes desses povos tornam-se importantes para formarmos novos conhecimentos e talvez, até, mudarmos o conceito de Terceiro Mundo.

Logo, cabe a nós pensar até que ponto reproduzimos essa lógica de colonização e que organizar as relações entre Primeiro Mundo e Terceiro Mundo, desenvolvido e subdesenvolvido, ou Norte Global e Sul Global significa organizar as políticas dentro dessa lógica colonizadora. Agathangelou e Turcotte (2010, p. 46) chamam esse processo de segregação geopolítica e questionam “como nós estudiosos de Relações Internacionais estamos condicionados a reproduzir política e geopolítica como se fossem momentos e relações separados, sem especificidades históricas nem conexões com o campo”. Essas divisões são vistas e já dadas como naturais, e nós as internalizamos e reproduzimos, pois estão embutidas no nosso cotidiano e nas nossas formas de pensar – são nomenclaturas que inventam uma realidade e invisibilizam diversos povos e modos de viver.

Por isso, Quijano (2005, p. 139) é assertivo quando afirma que “*é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico, em que nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos*”. Pensar de maneira decolonial significa quebrar as amarras da colonialidade e organizar as nossas formas de relação fora de uma estrutura de opressão, é termos propriedade para falarmos sobre nós mesmos e não a partir de como o outro nos enxerga.

Considerações finais

Neste trabalho buscou-se explicitar uma visão mais aprofundada sobre as lógicas de desenvolvimento e o processo de modernidade/colonialidade no imaginário nacional sobre a Amazônia, levando em consideração que é uma região periférica dentro de um país dado

como periférico. Isso foi feito a partir das bases dos estudos decoloniais e, principalmente, nos conceitos de Arturo Escobar, fundamentais na discussão e crítica acerca do desenvolvimento, particularmente com as ideias sobre pós-desenvolvimento e práticas de resistência baseadas no local.

Também foram expostas as diversas visões construídas sobre a Amazônia, além dos olhares que recaem sobre a região, como o vazio demográfico ou pulmão do mundo, natureza intocada, invisibilizando seus povos. Diante disso, foram analisados os dados e opiniões sobre a Amazônia no imaginário nacional e sua relação com as lógicas de desenvolvimento e os paradigmas da modernidade/colonialidade que ainda hoje se perpetuam na Amazônia de forma institucionalizada e nas fronteiras das nossas mentes, a partir dos discursos de globalização que Escobar diz prevalecer no local.

Mas, como o próprio autor afirma, o desenvolvimento é uma invenção, tornando assim possível que o possamos desinventar, e mais, reinventar de diferentes modos. Uma saída é olharmos para as diferentes formas de pensar existentes no mundo, que vão para além dessa que conhecemos – a lógica de desenvolvimento, de modernidade e cientificidade baseado no modelo eurocêntrico é só uma forma de ver o mundo, há várias outras formas de viver e é hora de olharmos para esses modos de existência.

Diante da discussão que foi proposta nesta pesquisa, a colonialidade permanece naturalizando relações sociais no que se entende por Amazônia, deixando como consequência estruturas de opressão que se legitimam no discurso de desenvolvimento. Diante disso, é necessário descolonizar a nossa forma de pensar, de ser, sentir e viver. E, para nós amazônidas, pensar a partir de uma visão decolonial torna-se essencial. Nesse sentido, descolonizar é ser autor da nossa própria história porque atravessa em nós narrativas de resistência.

Referências:

AGATHANGELOU, Anna M.; TURCOTTE, Heather M. *In*: SHEPHERD, Laura J. (org.). **Gender matters in global politics**. Nova York: Oxford University Press, 2010.

ARAGON, Luis E. **Amazônia**: conhecer para desenvolver e conservar cinco temas para um debate. São Paulo: Hucitec editora, 2013.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, maio-agosto, p. 89-117, 2013.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas. (org). **Decolonialidade e sociologia da América Latina**. Belém: NAEA: UFPA, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. Lisboa: 1º ed. Livraria Sá da Costa, 1978.

DUSSEL, Enrique. *In*: LANDER, Edgardo (org). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Caracas: CLACSO, 2000.

ESCOBAR, Arturo. *In*: LANDER, Edgardo (org). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Caracas: CLACSO, 2000.

ESCOBAR, Arturo. **Cultura, Ambiente y Política en la Antropología contemporánea**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología, 1999.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo**. Caracas: Fundación editorial el perro y la rana, 2007.

ESCOBAR, Arturo. **Más allá del Tercer Mundo**. Globalización y Diferencia. Bogotá: Universidad del Cauca, 2005.

ESCOBAR, Arturo. **Territories of difference: Place, movements, life, redes**. Durham: Duke University Press, 2008

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução de Peau noire, masques Blancs, 1952.

IBGE. Amazônia Legal. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 11 nov. 2019.

LANDER, Edgardo. **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Caracas: CLACSO, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 a ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32 n.

94, e329402 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092017000200507&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 dez. 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. 1^a ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia Encruzilhada Civilizatória: tensões territoriais em curso**. CIDES-UMSA, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Tradução: Dina Kinoshita. **Revista Novos Rumos**, nº 37, 2002.

QUIJANO, Aníbal. *In*: LANDER, Edgardo (org). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Caracas: CLACSO, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Daniel et.al. Índice de Progresso social na Amazônia Brasileira: IPS Amazônia. Belém: Imazon; Social Progress Imperative, 2021.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2019.